



A POÉTICA DE HOMERO PELA VISÃO DE GIAMBATTISTA VICO

Agnaldo Rodrigues da Silva¹

Resumo: Esta pesquisa pretende discutir aspectos sobre a poética de Homero, baseada em uma perspectiva de Giambattista Vico, reconhecido escritor italiano. A perspectiva desse historiador-filósofo quebra a imagem clássica e os conceitos que foram construídos sobre o poeta e sua obra no decorrer dos esses séculos.

Palavras-chave: Homero, Giambattista Vico, poética, história, clássico.

Abstract: This research aims to discuss aspects of the poetry of Homero, based on a perspective of Giambattista Vico, Italian writer recognized. The perspective of this historian-philosopher breaks the classic image and concepts that were built on the poet and his work in the course of these centuries.

Keywords: Homero, Giambattista Vico, poetry, history, classic.

Defender um posicionamento crítico sobre os textos de Homero requer, nos dias de hoje, um diferencial que venha colaborar com os estudos já considerados de senso comum. Isso significa dizer que não basta apenas repetir o que a crítica já discutiu sobre o assunto, mas, sobretudo, indicar outras fontes que suscitem caminhos que levem às perspectivas histórico-sociais e filosóficas, capazes de delinear outros canais passíveis de pesquisa.

Perseguindo esse viés, esta investigação traz a seguinte proposta: produzir um estudo baseado em uma perspectiva de Giambattista Vico, reconhecido escritor italiano. Não se trata de um ponto de vista qualquer, uma vez que as considerações desse estudioso quebram a imagem, o conceito e a opinião construídos sobre Homero e sua obra ao longo de todos esses séculos. Muitas críticas estão construídas em forma de análises literárias, fundamentos históricos ou pontos de vista imbuídos de atravessamentos científicos dos mais variados campos das ciências humanas. Afinal, para compreender o hoje é necessário voltar os olhos para o ontem, frisa Rodrigues (2003).

Marco Lucchesi quando escreve “Monumental Afresco da História”, nas páginas iniciais de *A Ciência Nova*, de Vico (1999), ele frisa que a obra de Homero surge em plena Idade dos Heróis, em que viceja toda uma lógica poética, alimentada pelos sentidos, não compatível com as abstrações.

Para um estudo sobre Homero, pelo viés de Vico, é necessário refletir sobre duas vertentes: a metafísica e a poesia. Assim, de um lado temos a metafísica, cuja função é

1. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT e Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Cáceres. Docente do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários - PPGEL

buscar o universal; de outro a poesia, que busca os particulares. A metafísica é o fruto da elaboração mental, que explica os fenômenos físicos. É, na realidade, o esforço mental que o homem faz para atingir os fenômenos que estão acima de sua consciência; o canal que leva o homem aos conhecimentos de ordem superior aos do plano físico. Na linha Viquiana, a metafísica põe-se como a possibilidade que a Providência deu ao homem para ele pensar no infinito. Já a poesia, tomando como parâmetro Aristóteles (1988), estabelece um princípio fundamental: a imitação (*mimesis*), fruto da catarse (*catharsis*).

Todo esse processo que se liga à imitação e à purificação do ser tem início no momento em que definimos o homem como ser imitante. Mas Aristóteles (apud BRUNEL, p. 10 - 11) não se refere a qualquer imitação. Há, pois, um jogo de relações mais complexo, em que há uma evolução que passa da imitação artística em geral à imitação pela voz, e depois à imitação pela linguagem, o que chamaríamos hoje de literatura. Desse modo, o efeito da imitação passa a ser o prazer, mas também a purificação (*catharsis*).

Em um trecho de *Política*, Aristóteles já empregava a palavra *catharsis*, com o fim de estabelecer uma comparação entre a purificação ritual e a purificação musical. Quando volta a empregá-la na *Poética*, insere a *catharsis* em um contexto fortemente marcado pelo léxico da medicina: refere-se à purgação dos humores e a uma espécie de homeopatia – uma é religiosa, outra médica. Mas, enfim, Goethe resume bem o propósito de Aristóteles, ao dizer que ele “entende por *catharsis* a realização tranqüilizadora que é efetivamente buscada em toda representação dramática, assim como em toda obra poética” (BRUNEL, 1998, p. 11).

Nessa direção, a Metafísica transcende o particular, abrange o universal sem abandonar a racionalidade. A criação literária, já em primeira hipótese, por seu princípio de imitação, pode pressupor o fantástico, o maravilhoso e o estranho. Nela, está impregnada a verossimilhança, de modo que é impossível desgrudá-la da imitação. Por isso, Homero ter sido considerado poeta e não filósofo ao longo dos séculos.

Vico (1999, p. 353) afirma que:

Conquanto no livro precedente se tenha demonstrado que a sabedoria poética foi de sabedoria vulgar dos povos da Grécia, primeiramente poetas teólogos e, mais tarde, heróicos, ela deve comunicar, como necessária consequência, que a sabedoria de Homero não foi de espécie absolutamente diversa; porém, visto que Platão deixou bem impressa a opinião de que ele fosse provido de sublime sabedoria oculta (donde se seguiram todos os outros filósofos, e Plutarco, sobretudo, dedicou-lhe todo um livro), nós aqui, particularmente, nos prestaremos a examinar se Homero jamais foi filósofo.

Essa afirmação insere Homero em um contexto de sabedoria popular. Vico (1999), ao analisar Homero, considera-o um poeta, vindo de uma sabedoria vulgar, por ter construído em sua obra uma sabedoria poética. Lembremos que nesse tempo de Homero a linguagem era amplamente poética, ou seja, buscava-se a comunicação por meio da po-

esia. Por meio da poesia, os homens conseguiam expressar melhor seus sentimentos, suas vontades, fantasias e desejos. Pode-se, nesta discussão, citar Bosi (2000) que ao referir-se a Vico observa que o homem passou por três idades ao longo da humanidade: a Idade Divina, a Idade Heróica e a Idade Civil. Na primeira idade, a linguagem é crua, ferina, são os homens-bestas. Na segunda, apesar da idéia politeísta, a linguagem é poética, a que melhor imita os sentimentos humanos. A terceira já possui uma linguagem racional, inteligente, modesta e benigna.

A Idade heróica, para Vico (1999), momento em que cantavam os sentimentos por meio da poesia, passa a co-existir com a civil, talvez pela (a) temporalidade dos mitos. Os mitos, para Rosenfeld (1982), são atemporais, pois estes atravessam épocas e persistem na memória dos povos. Para os mitos, o que vale é o tempo da memória, o tempo da consciência. É uma concepção de tempo que permite a co-existência do passado no presente, bem como teorizam Bérqson (apud SILVA, 2000), Hegel (apud ROSENFELD, 1982) e Heidegger (1989).

Homero, portanto, estaria localizado na Idade Heróica, em que contava a história da humanidade poeticamente, sendo, assim, dirigido ao vulgo.

É interessante notar que Homero não é considerado filósofo, mas serve de inspiração para a maioria dos filósofos que vieram depois. Ele tornou-se a essência para inúmeras reflexões a respeito da vida, principalmente nos campos inter e intra-sociais². As personagens criadas nas epopéias desse grande poeta trazem nuances de grandes cogitações interiores, em que se põe em evidência o problema do ser no mundo, as suas relações na própria comunidade e com outras comunidades. No caso da *Ilíada*, por exemplo, tomamos contato com as aflições interiores de Aquiles, as relações que ele estabelece com seus compatriotas, bem como das relações dele, enquanto cidadão grego, para com Tróia e seus habitantes: o desejo de destruição e de conquista.

Em: “Que se admita ainda aquilo que certamente se lhe deve reconhecer, que Homero teve de proceder, segundo os sentidos vulgares, e, por isso, dos vulgares costumes da Grécia, em seu tempo bárbara, pois tais sentidos vulgares e tais vulgares costumes dão a própria matéria aos poetas” (VICO, 1999, p. 353), leva-nos a entender que Homero escreveu levando em consideração o tempo e o lugar em que vivia.

O contexto em que escreveu suas obras era uma Grécia de costumes bárbaros, politeísta. Por isso, a presença das grandes batalhas sanguinolentas, guerras longas e impiedosas, o domínio dos deuses sobre os homens, tão comuns em Homero. As relações eram estritamente de dominadores e dominados, em todos os campos, seja no físico ou naquele em que acreditavam ser metafísico. Assim como os deuses dominavam os homens pelo temor, pela ira e pela fúria, os homens dominavam outros homens pela lei da selva: que vencesse o mais forte. Em raros casos, dominava-se pela inteligência. Foi isso que aconteceu na Guerra de Tróia, tão bem retratada por Homero, em que a Grécia dominou a cidade Tróia pela astúcia de um guerreiro. Vejamos que o motivo da dominação transcendeu a força física, pois o elemento de desequilíbrio nessa medição de forças é

2. As nomenclaturas inter e intra-sociais estão sendo usadas para indicar relações no interior de uma única sociedade constituída e as relações entre sociedades constituídas.

justamente a astúcia. A astúcia de Ulisses que, nesse ato, representou toda capacidade do povo grego, permitindo o triunfo em relação ao inimigo. Um herói que representou toda uma coletividade, aspecto típico das epopéias.

Mesmo na tentativa de mostrar a superioridade Grega em relação à Tróia, os seres humanos ainda são postos em um patamar de incapacidade intelectual. Homero demonstra a superioridade de seu povo, mas se trata de uma superioridade que depende da inspiração dos deuses da mitologia, ainda que seja sabido que foi Minerva quem inspirou em Ulisses a ideia de construir um cavalo de madeira, com o bojo oco, e lá colocar soldados armados para destruir e dominar Tróia, após o pôr do sol.

Homero escreve voltado para a sabedoria e a crença popular, o que certamente passa a ter um sentido de vulgo. Vejamos que Tróia só aceita o presente dos gregos por temor em recusar um presente aos deuses. Os gregos oferecem o Cavalo de Madeira dizendo que é um presente em nome dos deuses, para que haja paz entre eles. A crença e o temor aos deuses têm a demonstrar o quanto Homero estava jungido à sabedoria popular, à barbárie da época e à primitiva concepção de vida.

Por outro lado, se considerarmos que a finalidade da poesia seja o de abrandar a ferocidade do vulgo, coisa que os poetas são mestres por natureza, fica complicado conceber Homero como um homem comum. Ele tende a ser alguém dotado de uma inteligência e uma capacidade excepcional, uma vez que conseguiu trabalhar costumes e sentidos tão ferozes, transformando-os em matéria de admiração, com a qual todos os povos têm se deleitado ao longo das épocas. Produziu obras primas que são referências de diversos filósofos e poetas antigos e modernos. O mesmo Homero que parece tão próximo dos costumes populares consegue despertar prazer diante das vilanias dos deuses e dos heróis, tão bem discutido por Vico, em *A Ciência Nova* (1999).

Agora, consegue-se conceber um Homero que ordenou a civilização grega, o que, de fato, constitui o fio condutor de toda a *Ilíada*. As personagens criadas nessa epopéia, mais precisamente Agamenon e Aquiles, um o capitão, o outro o herói, coloca a nação grega em uma posição de esplendor, em que homens possuem forças sobre-humanas. Eis que diante de todas essas considerações acerca de Homero e suas obras, torna possível classificar Homero como um poeta inatingível, devido a grandeza de seus caracteres poéticos, que, às vezes, a nós fica difícil compreender a grandiosidade de sua poética.

Um aspecto não se pode negar. É extremamente complicado conceber Homero fora do ângulo filosófico, principalmente porque as personagens criadas por ele têm uma grandeza existencial muito grande, apesar da época cruelíssima que retratou. Pode ser que Homero não tenha sido um filósofo por excelência, mas sua vasta obra revela traços para o desfecho de uma grande filosofia. Nesse sentido,

Que devemos dizer daquele que narra: seus heróis que tanto se deleitam com vinho, e, quando mui aflitos de espírito, colocam todo o seu conforto, especialmente o sábio Ulisses, na embriaguez? Preceitos, em verdade, de consolação digníssimos dos filósofos! Fazem evocar Scaligero, quase todas as comparações feitas com feras e outras selvagens coisas. Mas admita-se

que isso tenha sido necessário a Homero, para se fazer melhor entender pelo vulgo feroz e selvagem: porquanto, ter êxito, pois tais comparações são incompatíveis, não é, certamente, obra de engenho educado e civilizado por qualquer filosofia. Tampouco de um espírito por alguma filosofia humanizado e apiedado poderia nascer aquela truculência e ferocidade de estilo, com a qual descreve tantas, tão variadas e sangüinosas batalhas, tantas, tão diversas, e todas, com extravagantes matérias, crudelíssimas, especialmente de assassinatos, que, de modo particular, fazem todo o sublime da *Ilíada* (VICO, 1999, p. 354 - 355).

Por outro lado, Homero talvez se afastasse da verdadeira prática filosófica, uma vez que sua obra se constitui de uma verdadeira carnificina humana. Em *Ilíada*, tem-se a morte dos troianos e a escravidão das troianas; Em *Odisséia*, a morte de gregos pela fúria dos deuses. Realmente, ao analisar a obra homérica por esse ângulo, teremos que repensar os aspectos filosóficos, pois apesar de todo lirismo da obra, de todo mitológico, os heróis para serem heróis precisaram matar, destruir, mostrar que são fortes, imbatíveis. Portanto, a obra homérica não gozaria da atitude fundamental da filosofia que tende a sensibilizar aos homens e não brutalizá-los.

Desse modo, tais costumes toscos, vis, ferozes, selvagens, móveis irracionais ou irracionalmente obstinados, tolos e superficiais observados na obra homérica têm origem em homens de mentes fracas, fantasiosas, cheias de paixões violentas, motivos pelos quais se nega a Homero toda a sabedoria oculta. Homero não alcança o patamar de gênio da filosofia, mas, adquire o título de maior dos poetas de todos os tempos. Esse é o pensamento de Vico (1999).

Josefo (apud Vico, 1999, p. 357) argumenta que Homero é o escritor mais antigo que chegou até nossos dias. Os outros escritores vieram depois dele, o que faz de Homero um criador de estilos, reconhecido na literatura universal. Contudo, há diversidades sobre a idade e a pátria desse escritor tão antigo. Vamos a esses fatos:

As evidências selecionadas por Vico (1999) mostram que o Homero, escritor de *Odisséia*, não pode ser o mesmo que escreveu *Ilíada*. O autor de *Odisséia* é de origem do ocidente da Grécia, "ao sul daquela áurea passagem onde Alcínoo, rei dos féaces (agora Corfu), a Ulisses, que quer partir oferece um bem aparelhado navio dos seus vassalos, os quais diz serem experientes marinheiros, que o levariam, se precisasse, até Eubéia (agora Negroponto), os que, por acaso, a viram, diziam ser mui distante como se fosse a última Tule do mundo Grego", (VICO, 1999, p. 357). Essa é uma evidência interessante que serve de prova para afirmarmos que o autor de *Odisséia* não é o mesmo que produziu *Ilíada*. Ainda há de considerar que "Eubéia não ficava muito longe de Tróia, situada na Ásia, ao longo da costa do Helesponto, em cujo pequeníssimo estreito existem agora duas fortalezas que se chamam Dardanelos, e que até hoje conservam a origem da expressão 'Dardânia', que foi o antigo território de Tróia" (VICO, 1999, p. 357). É uma discussão antiga, a da pátria de Homero e a da autoria dos livros. Lembremos que Sêneca, por exemplo, já permeava essas questões duvidosas: ou seja, como poderia um mesmo autor retratar locais tão distantes e

diferentes, tanto nos seus costumes, quanto na diversidade de estilos?

A rivalidade pela pátria de Homero, entre as cidades gregas, dá-se, principalmente, pelo fato de quase todas elas terem observado nos poemas homéricos expressões, frases e dialetos que eram comuns nas suas localidades. Esta é uma questão crucial e, talvez, a chave para indicar uma luz no fim do túnel para uma polêmica tão delicada. Robert (1987, p. 01 - 16) faz uma reflexão fundamental a esse respeito. Para ele, houve vários "Homeros", quer dizer, a produção tanto de *Ilíada* quanto de *Odisséia* sucedeu da seguinte forma: o povo contava diversas histórias, em forma de façanhas, sobre um tal herói, em diversas cidades da Grécia; posteriormente, alguém compilou essas histórias e formou o que hoje conhecemos como *Ilíada* e *Odisséia*. Por isso, as obras têm em cada capítulo (canto ou rapsódia) uma aventura diferente, o que, também, explicaria a diversidade de expressões, dialetos e costumes dos quais as obras estão impregnadas. Vico faz a seguinte afirmação a respeito do assunto: "[...] parecem tais poemas terem sido por diversas idades e por diversas mãos trabalhados e terminados" (VICO, 1999, p. 361).

Outro aspecto que deve ser observado é a hipótese de que Homero pode ter escrito a *Ilíada* quando jovem e a *Odisséia* na velhice, tal como observa Dionísio Longino (apud VICO, 1999, p. 360). Por isso a divergência de conteúdo das obras, até de concepção de vida humana. Vejamos que, por exemplo, na *Ilíada* não há punição para os algozes, enquanto que na *Odisséia* há: Odisseu quando volta para Ítaca, pune os homens que haviam apossado ilicitamente do seu reino e de sua esposa. Nesse último caso, o mal é punido. Este é um dos inúmeros exemplos que poderiam ser apontados.

Mas, as evidências são contraditórias em muitos aspectos. Há, também, indícios de que o Homero de *Odisséia* nasceu no Ocidente da Grécia, ao sul, e aquele de *Ilíada*, no Oriente, na parte norte. Existe, segundo Vico, uma diferença de quatrocentos e sessenta anos entre eles, no qual temos o seguinte contexto: Um está relacionado ao tempo da Guerra de Tróia, o de *Ilíada*; outro nos tempos de Numa, o de *Odisséia*.

Vico também reúne diversas evidências que possam mostrar a possível idade de Homero, dentre as quais citemos:

- a) "Aquiles, nos funerais de Pátroclo, faz ver quase todas as espécies dos jogos que, mais tarde, nos olímpicos celebrou a cultíssima Grécia" (VICO, 1999, p. 358, I). Esta é uma referência direta à *Ilíada*, 23, 257, mostrando que Homero é mais antigo que os jogos olímpicos, que foi celebrado pela Grécia algum tempo depois dele. Ou seja, Homero está situado na origem da origem dos jogos olímpicos.
- b) "Os fenícios levavam nas gregas marinhas ébano [...] uma parte a ser dada à Penélope [...]" (VICO, 1999, p. 358, IV). Esta é uma referência à *Odisséia*, 19, 232, mostrando que a antigüidade da obra homérica está em um tempo de igualdade à civilização fenícia, uma das mais antigas que conhecemos.

Homero parece ter vivido em um tempo quase em fins da Idade Heróica, apesar de cantar essa Idade em seus poemas. Essa conclusão é pertinente porque nas obras homéricas vemos celebrar a liberdade popular, fato que não era possível na Idade Heróica. Os heróis contraem matrimônio com estrangeiras e os bastardos vêm nas sucessões dos reinos.

Para Vico (1999), as fábulas que em seu nascimento eram verdadeiras chegaram,

até Homero, corrompidas e obscenas. Essa é a razão pela qual devemos situar Homero na terceira idade dos poetas heróicos: a primeira foi a que criou tais fábulas, definidas como as verdadeiras formas de narrativas; a segunda foi o momento em que as fábulas foram alteradas e corrompidas; e, finalmente, a terceira, em que Homero as recebeu já corrompidas. Vejamos o que diz Vico:

Que as fábulas em seu nascimento, foram narrações verdadeiras e severas [...] as quais na maior parte das vezes obscenas, por isso se tornaram impróprias, depois alteradas, seguidamente inverossímeis, logo obscuras, daí escandalosas e, finalmente, inacreditáveis; que são as sete fontes da dificuldade das fábulas [...] tão gastas e corrompidas foram recebidas por Homero (p. 364 e 365, IV, V).

Quanto às provas filosóficas para a descoberta do verdadeiro Homero, escolhemos para comentários os seguintes trechos:

- a) “[...] que os homens são naturalmente levados a conservar as memórias das ordens e das leis que os mantêm dentro de sua sociedade” (Vico, 1999, p. 364, I). Isto quer dizer que se Homero retrata em suas obras costumes tão antigos, de um tempo muito distante do nosso, é porque ele também tende a ser tão antigo quanto tudo o que retrata. Ele faz um retrato de costumes e crenças da antiga Grécia, o que também vem a fazer dele um verdadeiro historiador. Faz, na verdade, história por meio de poemas. Homero, no papel de historiador-poeta, vem ao encontro do que entendeu Lodovico Castelvetro: “que primeiro nasceu é a história, depois a poesia; pois a história é uma simples anunciação da verdade, mas a poesia é uma imitação a mais [...], pois tendo vivido os poetas certamente antes dos historiadores vulgares, a primeira história deve ser a poética” (apud Vico, 1999, p. 364, II, III). Poderíamos, então, dizer que a poesia transcende a história, pois permite visualizar e demonstrar coisas que a história não teria olhos para ver. A poesia teria a função de dar à história a possibilidade do maravilhoso, de ver além do unicamente concreto. Desse modo, consideremos, sem sombra de dúvidas, como grandes historiadores: Homero, Virgílio, Dante Alighieri, Sófocles, Camões, dentre outros, uma vez que suas obras são verdadeiras memórias de grandes povos.
- b) Que toda sabedoria poética de Homero está impregnada de significados históricos³, referentes aos primeiros tempos da Grécia. Essas histórias foram registradas durante muito tempo na memória dos povos e isso era transmitido de geração para geração. Pois, à época que se atribui a existência de Homero parece ainda não existir a escritura vulgar. Então, a memória passa a ter papel decisivo nessa relação entre história e poesia, escritura e memória. É interessante lembrar que sendo a história pensada de forma poética tornava-se mais fácil a memorização e a transmissão dessas memórias ao longo das gerações. Por isso, os poetas tiveram de ser os primeiros historiadores das nações. Vico visualiza todo esse processo da seguinte forma: “que é memória,

3. Alfredo Bosi faz observações interessantes a esse respeito e outras coisas a mais, no livro *O Ser e o Tempo na Poesia*.

enquanto lembra as coisas; fantasia, enquanto altera e falseia; engenho, enquanto a aplaina, acomoda e ordena. Por esses motivos os poetas teólogos chamaram a Memória de 'mãe das musas'" (VICO, 1999, p. 367, IX).

Dentre as provas filológicas que Vico reúne para a descoberta do verdadeiro Homero, pode-se ressaltar e comentar as seguintes:

- a) "[...] Estrabão, numa áurea passagem, afirma: antes de Heródoto, antes de Ecateu milésio, toda a história dos povos da Grécia foi escrita pelos poetas" (VICO, 1999, p. 373, VII);
- b) "[...] que os primeiros escritores das nações tanto antigas quanto modernas foram poetas" (VICO, 1999, p. 373, IX);
- c) "Que Homero não deixou escrito nenhum de seus poemas, como muitas vezes o disse resolutamente Flávio Josefo hebreu contra Ápio, grego gramático" (VICO, 1999, p. 373, XI);
- d) "Que os rapsodos separadamente, ora um, ora outro, iam cantando os livros de Homero nas feiras e festas pelas cidades da Grécia" (1999, VICO, p. 373, XII).

Os itens acima sustentam a hipótese de que os poetas fazem um verdadeiro retrato de época em seus poemas, cujas epopéias são verdadeiros e reconhecidos exemplos disso. Do mesmo modo que Homero faz história pela poesia de fatos da Grécia, em um tempo tão distante, Camões, o maior poeta de língua portuguesa, compila a história dos portugueses, em *Os Lusíadas*, suas crenças, costumes e glórias, em outro tempo e espaço, na literatura ocidental.

O fato de Homero não ter deixado escrito nenhum de seus poemas suscita um questionamento que resgatamos nesta investigação: haveria um único Homero ou vários? Ou Homero seria o pseudônimo de alguém que reuniu fábulas populares, deu-lhes um enredo fabuloso, por isso a diversidade de linguagens, expressões, crenças e costumes? Essas são indagações que perpassam os séculos e que por muito tempo servirão de caminhos para novas reflexões. Neste texto, o propósito foi indicar alguns caminhos para se compreender alguns fatos sobre Homero, tomando como parâmetro os estudos que Giambattista Vico realizou na sua *A Ciência Nova*.

Como palavras finais, conclui-se que Homero é poeta muito antigo e inatingível. Dele não se sabe a pátria, sequer sua idade. Há pistas de que ele tenha sido cego, pobre e que andou por mercados da Grécia, cantando os seus próprios poemas. Contudo, sua arte poética é inimitável. Transformou-se em fonte inesgotável às filosofias e às artes poéticas posteriores. Por isso, sua obra atravessou épocas e se encontra revitalizada entre nós, inspirando novos filósofos e poetas.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte Retórica e Arte Poética**. Trad. Antonio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1988.
- BOSI, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- BRUNEL, P. & Outros. **A Crítica Literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CAMÕES, Luis Vaz. **Os Lusíadas**. Porto: Biblioteca do Exército, 1998.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Petrópolis: Vozes, 1989.
- HOMERO. **Ilíada**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- LUCCHESI, Marco. Monumental Afresco da História. In: VICO, Giambattista. **A Ciência Nova**. São Paulo: Record, 1999.
- ROBERT, Fernand. **A Literatura Grega**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- ROSENFELD, Anatol. **O Mito e o Herói no Moderno Teatro Brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- SILVA, Agnaldo Rodrigues. **Da Vanguarda Européia ao Futurismo nos Teatros de Almada Negreiros e Oswald de Andrade**: Deseja-se Mulher e O Rei da Vela. 2002. Dissertação (Mestrado em Letras/Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). USP: São Paulo, 2002.
- _____. **O Futurismo e o Teatro**. Tangará da Serra: A.R. Editora, 2003.
- VICO, Giambattista. **A Ciência Nova**. São Paulo: Record, 1999.

